

## MODA COMO EXPRESSÃO IDENTITÁRIA NO *HIP HOP*: VISÃO DE ATLETAS DO *BREAKING SOCIAL BRASIL*

*Fashion as an Identity Expression in Hip Hop: Perspectives of Athletes from Breaking Social Brazil*

Santos, Cecília Farias dos; Pós-Graduanda; Centro Universitário Senac, [ceciliafariaxs@gmail.com](mailto:ceciliafariaxs@gmail.com)<sup>1</sup>

Almeida, Sheila Dias; Doutora; Universidade Federal de Ouro Preto, [sheila.almeida@ufop.edu.br](mailto:sheila.almeida@ufop.edu.br)<sup>2</sup>

**Resumo:** A pesquisa investiga a moda como uma forma de expressão identitária no contexto do movimento *Hip Hop*, focando nas percepções dos atletas do projeto *Breaking Social Brasil*. Através de uma análise qualitativa e entrevistas semiestruturadas com *b-boys* e *b-girls*, o estudo explora como o vestuário é utilizado como uma ferramenta de auto expressão e construção de identidade coletiva no cenário do *Breaking*.

**Palavras chave:** Moda, Hip Hop, Identidade.

**Abstract:** The research investigates fashion as a form of identity expression in the context of the Hip Hop movement, focusing on the perspectives of athletes from the Breaking Social Brazil project. Through qualitative analysis and semi-structured interviews with b-boys and b-girls, the study explores how clothing is used as a tool for self-expression and collective identity construction in the Breaking scene.

**Keywords:** Fashion, Hip Hop, Identity.

### 1 INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado, é fruto de reflexões que versam sobre a temática desenvolvida. Trata-se, portanto, de breve revisão bibliográfica crítica, mas elaborada de forma cuidadosa, pois interessa-nos provocar inquietações também em quem nos lê. Ele aborda a moda como expressão identitária no contexto do movimento *Hip Hop*, com um foco específico nos atletas de *breaking* do projeto *Breaking Social Brasil*. O objetivo central da pesquisa é compreender como a moda atua como uma forma de comunicação e construção de identidade entre esses atletas, explorando as influências culturais e sociais que moldam suas escolhas estéticas. A investigação pretende também analisar de que maneira a moda transcende a funcionalidade e se torna uma ferramenta de auto expressão e identificação coletiva.

A metodologia adotada é de cunho qualitativo, exploratório e documental, abordando os temas: moda, identidade e *hip hop*. Os referenciais teóricos são baseados nas contribuições de estudiosos como Gilles Lipovetsky. Este estudo pretende oferecer uma análise das interações entre moda e identidade no contexto do *hip hop*, a partir das considerações de Lipovetsky (2009), Caldas (2005), Sant'Anna (2014) e Berlim (2014); e compreender as origens do *hip hop*, com base nos conhecimentos de Fresh Dressed (2015) e Assis (2022).

<sup>1</sup> Bacharela em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Pós-Graduanda em Gestão Estratégica de Marketing pelo Centro Universitário Senac. Já atuou nas áreas de design, marketing e eventos.

<sup>2</sup> Doutora, Mestre e Assistente Social formada pela Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto. Representando o Departamento de Serviço Social (DESSO) na Comissão de Trabalho e Formação Profissional do CRESS/MG.

## 2 MODA

A moda é definida, de acordo com o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2009, p. 24), como:

[...] forma específica da mudança social, ela [moda] não está ligada a um objeto determinado, mas é, em primeiro lugar, um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva.

Entende-se, que a moda pode desempenhar um papel fundamental na expressão individual e na transformação cultural, transcendendo a mera funcionalidade e torna-se uma poderosa forma de comunicação e influência. Nesse sentido, ela é vista como um espelho do seu tempo, capturando o espírito de uma era e incorporando a identidade visual de uma cultura local ou período específico, não se limitando apenas a vestir um indivíduo, mas também abrange os lugares que frequenta, as músicas que escuta, as pessoas com quem se relaciona e o estilo de vida que adota. Todas essas facetas da vida contribuem para uma expressão mais ampla de quem somos, tornando o ato de consumir moda um meio de comunicação por excelência. (CALDAS, 2005).

Sant'Anna (2014, p. 118) afirma que o Sistema da Moda, influenciado pela sociedade, impulsiona tendências, conceitos e ideias traduzidos em produtos de consumo, materiais ou imateriais. Logo, uma das particularidades deste complexo sistema é o seu desmembramento em vários subsistemas, que se completam e se retroalimentam mutuamente, possibilitando a configuração do ethos moda, tais como análise, criação, produção, difusão, distribuição, comercialização e regulação.

Berlim (2014, p. 128) sugere que a 'amplitude do fenômeno da Moda está na perspectiva da criação e atribuição de valores simbólicos à cultura material'. Por conseguinte, o Sistema de Moda é um mecanismo complexo que intercomunica embasamentos sociais, antropológicos, sociológicos, históricos e econômicos.

## 3 IDENTIDADE

Stuart Hall (2006) distingue a identidade em três concepções: o sujeito do iluminismo, que se trata da ideia de um indivíduo centrado, unificado, individualista e contínuo do início ao fim de sua existência; o sujeito sociológico, o qual reflete a interação entre o indivíduo e a sociedade, ou seja mescla aspectos internos e externos a ele, de forma que 'contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares e objetivos que ocupamos no mundo social e cultural' (HALL, 2006); e, por fim, o sujeito pós-moderno, que é uma consequência das interações do indivíduo com o meio externo, de forma que ele não possui uma identidade fixa, mas uma 'formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou

interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam' (HALL, 1987). A partir desse conhecimento, nos interessam as abordagens que tratam da identidade como um resultado de interações do indivíduo com a sociedade, constituindo, então, fontes de significados para o sujeito, essas, que mesclam fatos cotidianos às 'tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço' (CASTELLS, 2018, p. 55)

#### 4 HIP HOP

O *Hip Hop* é um movimento artístico, político e social, o qual teve suas raízes entre as décadas de 1960 e 1970, no sul do *Bronx*, localizado no estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Ele é composto por nove<sup>3</sup> elementos, entretanto, os que possuem maior destaque são: DJ (produção musical), *Breaking* (forma de dança de rua), MC (mestre de cerimônia, produz discursos ritmados).

Segundo narrativas apresentadas no documentário *Fresh Dressed* (2015), em uma breve contextualização, durante a década de 1970, uma fatalidade ocorreu no Bronx: um jovem, membro de uma das gangues predominantes na região, conhecido como pacificador, foi morto em um conflito. A partir da trégua consequente desse fato, as guerras de clubes passaram a ser batalhas de palavras – ou, como são atualmente conhecidas, de rimas – e batalhas de dança (*cyphers*), nas quais as equipes se apresentavam vestindo roupas com seus respectivos nomes.

A gênese histórica do Movimento *Hip Hop* está diretamente ligada ao contexto social, econômico e cultural que passava a sociedade norte-americana, especialmente a população das periferias. O ritmo que expressava a consciência negra também carregava uma aura conflitiva social com características revolucionárias. Além disso, se tornou uma forma de representação para os jovens promovendo o estabelecimento social (HERSCHMANN, 1997). (NAVA, s/d)

De acordo com Assis (2022), os membros dessas gangues de Nova Iorque na década de 1970 buscavam meios de se diferenciar das demais, então cada uma tinha um jeito de se vestir, de falar, e de marcar seus territórios. Logo, a música, poesia, dança e arte também faziam parte da cultura desses jovens que através dela expressavam sua realidade.

No Brasil, a introdução do *Hip Hop* se deu primeiramente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro na década de 1980. Esse início é vinculado à cultura *Black*<sup>4</sup>, entretanto, apesar dessa ligação, o movimento *Hip Hop* está mais ligado aos movimentos sociais, os quais buscam, principalmente, melhorias nas condições de

<sup>3</sup> Grafite (arte imagética de rua), Moda de Rua (*streetwear*), Linguagem de Rua (comunicação), *BeatBoxing* (música corporal) e Empreendedorismo de Rua (negócios do *Hip Hop*).

<sup>4</sup> "A cultura negra é um complexo de símbolos que estão em todos os locais, momentos e paisagens do imaginário afro-brasileiro. O fato é que ela é parte da formação da identidade brasileira." Fonte: <https://diaspora.black/blog/cultura-negra/o-que-e-cultura-negra> (Acesso em: 4 de jun. de 2024)

vida das populações periféricas. Sueli Souza (2011) pontua que, ao tornar-se uma cultura, o *Hip Hop* passa a desenvolver uma identidade alternativa e de status social, sobretudo ligados a moda, linguagem e as experiências locais e específicas de cada grupo, evidenciando que, apesar de ter seus valores bem definidos a nível internacional, as narrativas e expressões podem ser diferentes não somente de um país para outro, mas dentro de diferentes regiões em um mesmo espaço demográfico.

#### 4.1 Breaking

Para compreender o *Breaking*, nosso objeto de estudo, o Manual de Regras e Regulamentos produzido pela *World Dancesport Federation* (2024), além de estabelecer todas as normas que devem ser respeitadas em competições mundiais, ela também apresenta um breve histórico sobre a modalidade:

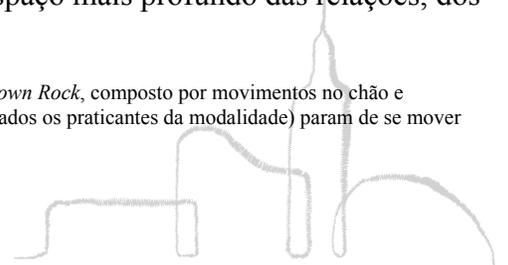
A arte do *Breaking* evoluiu a partir de muitas danças diferentes e outras atividades que influenciaram a juventude de Nova Iorque nos anos que antecederam a metade da década de 1970. Nos primeiros anos, os *Breakers* dançavam em festas, em clubes e nas ruas, praticando em casa e nos corredores dos edifícios ou em centros comunitários. Durante essa época, competições estruturadas com julgamento eram raramente realizadas. No início da década de 1980, o *Breaking* começou a chamar a atenção da mídia *mainstream* nos Estados Unidos e a dança se tornou cada vez mais popular, rapidamente se espalhando pelos Estados Unidos e no exterior. *Crews* de *Breaking* como Zulu Kings, Rock Steady Crew, Dynamic Rockers e New York City Breakers foram formadas – eles desenvolveram não apenas a base da dança, mas também os movimentos mais complexos.

Essa modalidade emergiu como um fenômeno global ainda nos anos de 1980 e consolidou-se, na década seguinte, com eventos como a Battle of the Year (BOTY), e, somado a isso, transformou-se em uma parte relevante das produções audiovisuais contemporâneas. Assim sendo, seus aspectos atléticos<sup>5</sup>, combinando força, agilidade e criatividade, elevaram a dança a um novo patamar, culminando em seu reconhecimento como esporte olímpico a partir dos Jogos Olímpicos de Paris 2024. Este status reflete a evolução do *Breaking*, que transcende suas origens de rua para se tornar uma valorosa expressão artística e esportiva de alcance mundial, atraindo um público diversificado e apaixonado.

## 5 METODOLOGIA

O presente trabalho é uma pesquisa de cunho qualitativo, que 'trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos

<sup>5</sup> Seus principais elementos são: *Top Rock*, caracterizado por todos os movimentos sendo realizados em pé; *Down Rock*, composto por movimentos no chão e caracterizado pela mão do atleta tocando no chão; e *Freezes*, que são poses os *B-Boys* e *B-girls* (como são chamados os praticantes da modalidade) param de se mover completamente durante a apresentação.



processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.' (Deslandes, Gomes e Minayo, 2009, p. 21); exploratória, pois busca explorar a moda como ferramenta de expressão de identidade na cultura *Hip Hop*, investigando o tema através de pesquisas e interações com pessoas ativas no *Breaking*; documental, através da coleta de informações a partir da leitura de documentos diversos; e, ainda, utiliza-se da coleta de dados por meio de entrevista com *b-boys* e *b-girls* do Projeto *Breaking Social Brasil*, tornando-se, então, um estudo de caso, definido como 'uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos' (YIN, 2001, p. 22). Essa etapa teve como finalidade explorar as percepções das *b-girls* e dos *b-boys* do Projeto *Breaking Social Brasil* sobre a moda como expressão identitária na cultura *Hip Hop*. Com autorização dos participantes, as sessões foram gravadas e transcritas para uma análise detalhada, empregando a análise de conteúdo para identificar os temas mais relevantes para esse público.

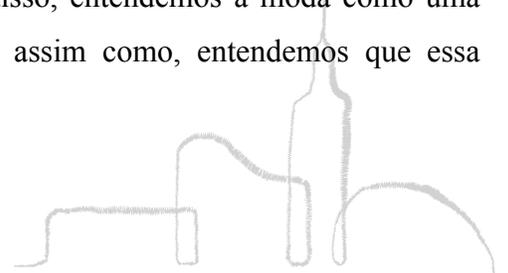
## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 6.1 Projeto Breaking Social Brasil

O *Breaking Social Brasil* é um projeto sem fins lucrativos idealizado pela produtora cultural, Araucária, em parceria com o Ministério da Cultura do Governo Federal. Nele, são proporcionadas formação e treinamentos em *Breaking*, promovendo a saúde, a autoestima e a cidadania e atendendo públicos diversificados. Além de oferecer estudos práticos e teóricos dessa modalidade, também realiza batalhas de danças para incentivar a integração do público, bem como sua competitividade. Sua estrutura conta com seis núcleos de capacitação, localizados na cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana, que atendem cerca de 125 alunos. Para essa pesquisa, foram entrevistados cinco atletas de diferentes gêneros, idades e categorias.

### 6.2 A moda como expressão identitária no Hip Hop: análise das percepções dos b-girls e b-boys

Anteriormente abordamos que o Sistema de Moda, assim como a identidade, é influenciado pela sociedade e pode ser desmembrado em diversos subsistemas que conversam com diferentes vertentes sociais. Isso possibilita fazer um paralelo com a definição do sujeito pós-moderno apresentado por Hall (2006) que também é resultado dessa interação com o externo e, em decorrência disso, entendemos a moda como uma ferramenta para expressar os diferentes produtos dessa interatividade, assim como, entendemos que essa



expressão identitária também é política, a medida em que o sujeito se relaciona com o *Hip Hop* e compartilha de seus conteúdos simbólicos, marcado pela disputa histórica de poder.

Ao longo dos séculos, a moda tem sido uma linguagem visual rica e diversificada que nos permite contar histórias sobre tradições, crenças, cultura, identidade e aspirações, de forma que os trajes se apresentam não somente através do seu viés funcional, com o objetivo de cobrir e proteger o corpo humano, mas também como forma de manifestação individual e coletiva. Isso é evidenciado por Lipovetsky (2009, p. 37):

Durante séculos, o vestuário respeitou globalmente a hierarquia das condições: cada estado usava os trajes que lhe eram próprios; a força das tradições impedia a confusão das qualidades e a usurpação dos privilégios de vestuário; os éditos suntuários proibiam as classes plebeias de vestir-se como os nobres, de exibir os mesmos tecidos, os mesmos acessórios e joias. O traje de moda permaneceu assim por muito tempo um consumo luxuoso e prestigioso, confinado, no essencial, às classes nobres.

Ao relacionar esses aspectos ao contexto histórico do *Hip Hop*, observamos que desde suas origens nas comunidades afro-americanas e latinas do Bronx na década de 1970, o vestuário é utilizado como ferramenta de expressão e identificação. Os entusiastas adotaram um estilo único que comunica não apenas uma estética visual, mas também valores, atitudes e uma forte ligação com suas raízes culturais e sociais. Essa prática reflete os conceitos de identidade apresentados, onde a moda funciona como uma linguagem simbólica através da qual os sujeitos pós-modernos, influenciados pelas dinâmicas sociais, constroem e comunicam suas identidades.

Os parágrafos que se seguem, apresentam breves relatos de uma entrevista realizada para compreender mais profundamente as percepções do público praticante dessa modalidade de dança. Mesmo que neste trabalho não seja possível trazer o anexo com as perguntas e respostas, nos pareceu pertinente apresentá-los aqui, uma vez que estes dão maior capilaridade à discussão apresentada, a partir do olhar das(os) atletas praticantes do *breaking*.

Para os *b-boys* e *b-girls*, a moda tem um impacto profundo não apenas como uma forma de expressão pessoal, mas também como um meio de comunicação dentro da comunidade. As *crews* frequentemente adotam uniformes ou códigos de vestimenta específicos que reforçam a coesão do grupo e a identidade coletiva. Jaquetas personalizadas com seus logotipos, cores coordenadas e acessórios distintivos são comuns e ajudam a diferenciar uma *crew* da outra durante as batalhas e performances. A moda, portanto, permite que cada membro mantenha uma certa individualidade dentro dessa identidade coletiva.

O *b-boy* Doggy descreve o *Hip Hop* como uma religião e uma força transformadora em sua vida, que o levou a lugares e oportunidades inesperadas. Para ele, a moda é sinônimo de cultura e estilo de vida. Ele se inspira em artistas de rap da década de 1990 e adota elementos como roupas largas, marcas como Nike e Adidas, destacando a importância crucial dos tênis. Esses, segundo Doggy, são quase uma 'alma' para os

dançarinos, diferenciando entre os usados para treinos e aqueles reservados para competições, refletindo não só o estilo pessoal, mas também um simbolismo de preparação e identidade a ser revelada nos momentos de competição.

Por outro lado, o *b-boy* Tevez também enfatiza a significativa presença do *Hip Hop* em sua vida cotidiana, tanto pessoal quanto profissionalmente. Ele menciona a dualidade de seu vestuário, com um estilo mais relaxado e confortável para treinos e um visual mais elaborado para competições e eventos, onde busca conforto e funcionalidade. Influenciado por figuras icônicas, Tevez prefere um estilo que combina funcionalidade e estética e destaca a importância de estar à vontade, para ele, as vestimentas usadas em competições são muito importantes para expressar sua conexão com essa cultura.

Os relatos das *b-girls* Natte e Aly demonstram a profundidade com que a moda se entrelaça com a identidade e a expressão pessoal no contexto apresentado. Natte, que desde jovem se envolveu com diversas formas de dança, encontrou nesse estilo uma linguagem única que ressoou profundamente com sua experiência e identidade. Ela menciona que permitiu uma liberdade de expressão através da moda que ela não encontrou em outras danças, como o balé. Para Natte, a moda, a partir dessa interação, vai além do simples vestuário, representando uma forma de contar histórias e de se conectar com uma cultura vibrante e inclusiva. As roupas largas e coloridas, muitas vezes adornadas com estampas de grafites, refletem uma estética que celebra a diversidade e a criatividade, permitindo que cada indivíduo se destaque e, ao mesmo tempo, se sinta parte de uma comunidade maior.

Essas experiências ressaltam como a moda no *Hip Hop* serve como uma plataforma de expressão identitária para as B-Girls. O vestuário não é apenas uma escolha estética, mas uma declaração de quem elas são e como veem o mundo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses testemunhos ilustram como os praticantes de *breaking* utilizam o vestuário para se expressar tanto individualmente quanto como parte de um grupo. No contexto das crews, a moda não só representa o estilo individual, mas também reforça uma identidade coletiva, criando uma imagem coesa e identificável que distingue cada grupo dentro da cena *Hip Hop*. As escolhas de vestuário, desde os tênis cuidadosamente selecionados até as peças icônicas usadas em eventos, servem como uma linguagem visual que comunica pertencimento, orgulho cultural e criatividade. Dessa forma, a moda no *Hip Hop* se estabelece como um meio vital de expressão, permitindo que as *b-girls* e os *b-boys* articulem quem são e como veem o mundo.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Antonia de. **A ASCENSÃO DO HIP HOP NO CENÁRIO FASHION NAS RUAS DE NOVA YORK NA DÉCADA DE 70 E SUA INFLUÊNCIA NA ATUALIDADE**. 2022. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Têxtil e Moda, Faculdade de Tecnologia de Americana “Ministro Ralph Biasi” Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda, Americana, Sp, 2022.

BERLIM, L.G. **Moda e Sustentabilidade: uma necessária introdução antropológica à análise do conceito de roupa**. In: SANT’ANNA, M. R.; RECH, S. R. (Orgs). Brasil: 100 anos de moda – 1013 a 2013. Florianópolis: UDESC, 2014, p. 125-140.

CALDAS, Dario. **Observatório de Sinais**. São Paulo: Senac, 2005.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28. Petrópolis: Vozes, 2009.

FEDERATION, World Dancesport. **WDSF Breaking: rules and regulations manual**. Rules and Regulations Manual. 2024. Disponível em: <https://dancesport.app.box.com/s/fowfqyiedh1z3vryqa0a963acptv1vhv>. Acesso em: 05 jun. 2024.

FRESH Dressed. Direção de Sacha Jenkins. Roteiro: Sacha Jenkins. Estados Unidos: CNN Films, 2015. (90 min.), color.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006. 102 p.

HALL, S. "Minimal Selves", In Identity: The Real Me. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1937.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. 254 p.

NAVA, Mirela Cecília Rocha. **A INFLUÊNCIA E A REPRESENTATIVIDADE DO HIP HOP COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO NA MODA E NO COMPORTAMENTO DA POPULAÇÃO AFRO ESTADUNIDENSE**. 2010. 18 f. TCC (Graduação) - Curso de Design de Moda, Ifsc, Araranguá, s/d.

SANT'ANNA, Patricia; BERTO, Vivian. **Streetwear, ostentação e consumismo. Qual é o alcance do streetwear entre a geração Z? E até que ponto esse mercado influencia o consumo?** 11/12/2019. Disponível em <https://www.tendere.com.br/post/streetwear-ostenta%C3%A7%C3%A3o-e-consumismo> . Acesso em 16/10/2023.

SOUZA, Sueli Celeide de. **BREAK: UMA CULTURA CORPORAL: a atuação da educação física escolar dentro da prática corporal e ideológica do break. O Professor Pde e Os Desafios da Escola Pública Paranaense**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 0-19, jan. 2011.

